



A Importância do Conhecimento a Respeito da Variação Linguística para o Tratamento da Noção de Erro Linguístico

The Importance of Knowledge about Linguistic Variation for Addressing the Notion of Linguistic Error

Carine Rocha de Oliveira

Maridelma Laperutta Martins

Resumo: Durante muito tempo compreendemos o ensino da língua portuguesa somente por meio de perspectivas normativas que atribuíam valor apenas a variedade padrão, assim categorizando como “erros” os usos que divergiam e se distanciavam desse modelo de ensino. Contudo, os estudos que versam sobre linguagem advindos da Sociolinguística de Labov (1972) evidenciaram que essa variação presente na fala dos indivíduos é parte constituinte das línguas naturais, e que não pode ser considerada meramente como erros ou desvios ortográficos. Este artigo dialoga sobre a importância desse conhecimento acerca da variação linguística para o tratamento pedagógico do erro, possibilitando às práticas docentes o respeito a essa diversidade e uma aprendizagem valorativa para que, possamos ter docentes que refletem acerca dos processos de ensino aprendizagem respeitando as variedades linguísticas que são inerentes aos falantes de uma língua materna.

Palavras-chave: variação linguística; erro; sociolinguística; ensino; variedade padrão.

Abstract: For a long time, the teaching of the Portuguese language was understood solely through normative perspectives that valued only the standard variety, thus categorizing as “errors” any usage that diverged from or deviated from this instructional model. However, studies on language emerging from Labov’s (1972) Sociolinguistics have demonstrated that the variation present in individuals’ speech is an inherent part of natural languages and cannot be merely regarded as errors or orthographic deviations. This article discusses the importance of such knowledge about linguistic variation for the pedagogical treatment of error, enabling teaching practices to respect this diversity and promote a more appreciative approach to learning. In doing so, we may foster educators who reflect on teaching and learning processes while respecting the linguistic varieties that are intrinsic to native speakers.

Keywords: linguistic variation; error; sociolinguistics; teaching; standard norm.

INTRODUÇÃO

No âmbito escolar é muito recorrente a associação entre a noção de erro e o uso linguístico feito pelo aluno. Essa concepção decorre de um estigma fundamentado em uma tradição normativa que evidencia que o ensino da Norma padrão dentro do espaço escolar deve ser o único prestigiado, promovendo um antagonismo à heterogeneidade, ao dinamismo e as variedades que são partes constituintes de uma língua. Sobre isso Bagno (1999) discorre que o preconceito linguístico se origina dentro dessa visão na qual se confunde a norma padrão com a própria língua portuguesa, para a Sociolinguística a língua é compreendida

como um fenômeno de origem social que engloba as diversas esferas nas quais o indivíduo está inserido.

Dentro desse aspecto mensurado comprehende-se que a variação linguística assume um papel de fundamental importância quando falamos sobre as diversidades de usos linguísticos existentes nas diferentes regiões, localizações geográficas, grupos sociais, étnicos, diferentes contextos comunicativos, e a pluralidade de discursos presentes na fala do brasileiro. Quando tornamos relevante essa mutabilidade compreendemos que a constituição de uma língua, principalmente a língua portuguesa, é permeada por variações, entendemos que, o ensino desta precisa ultrapassar as barreiras das perspectivas normativas, que consideram as tais variações como “erros ortográficos” desconsiderando a construção histórica, social, situacional que faz parte da identidade de um povo. Para tanto, conhecer sobre variação linguística é essencial para que as práticas pedagógicas tornem-se mais inclusivas possibilitando aos alunos o desenvolvimento da competência comunicativa e a valorização de suas variações linguística.

Quando o professor entende a variação linguística como a causa dos diversos fenômenos que ocorrem na fala ou na escrita da língua portuguesa, ele possibilita a si mesmo um olhar mais humanizado e assertivo sobre essa noção de erro ortográfico, entendendo-os como não apenas algo que merece uma severa correção, e sim como uma oportunidade de refletir sobre essas mais variedades dialetais.

O presente artigo versa sobre a importância de se conhecer sobre a variação linguística para o tratamento pedagógico do erro, possibilitando às práticas docentes o respeito a essa diversidade e uma aprendizagem valorativa para que, possamos ter docentes que refletem acerca dos processos de ensino aprendizagem respeitando as variedades linguísticas que são inerentes aos falantes de uma língua materna.

A NOÇÃO DE ERRO LINGUÍSTICO NO ENSINO TRADICIONALISTA ESCOLAR

Durante muito tempo, as observações acerca do estudo da língua priorizaram os aspectos formais, não levando em conta os aspectos de natureza social, ainda que existisse uma ciência cuja principal função era descrever a língua, ainda havia o tabu de descrevê-la somente por meio de aspectos formais, isso ocorreu desde a época de Saussure quando discorreu sobre as dicotomias entre fala e língua, estabelecendo a língua como algo uniforme e homogêneo, não sabendo lidar com as variações desta, pois para Saussure o estudo da língua era feito por meio da observação desta de forma estrutural.

Em 1929, indo de encontro do que havia dito Saussure sobre a língua Bakhtin (1990) estabeleceu o pressuposto de que a língua, sim, possuía um caráter social, que era evidenciado por meio de atos enunciativos em determinadas situações de comunicação verbal, Jakobson (1973) contrário à teoria de Saussure, criticou o que havia sido postulado por ele à respeito da homogeneidade e da uniformidade da

língua, o autor entendia que os diversos contextos comunicativos possibilitavam aos indivíduos fazer uso do código linguístico de diferentes maneiras diante das mais variadas situações.

Em 1965 Noah Chomsky defendeu o princípio do falante ideal, ainda que esse falante estivesse presente em uma comunidade linguística homogênea, para o autor a capacidade deste indivíduo estava imbricada na noção do inatismo linguístico desse indivíduo, ou seja, para ele as regras de interiorização tornam os falantes aptos para produzir sentenças gramaticais, sem que o meio exterior possa exercer algum tipo de influência sobre isso, bem como Saussure, Chomsky também objetivou estudar a língua por ela mesma. Benveniste (1989) novamente retoma a ideia de que a identidade linguística de um indivíduo precisava ser compreendida através do meio social no qual ele estava inserido, e que os fatores extralingüísticos compunham a identidade linguística desse. Diante dessa realidade alguns estudiosos da língua passaram a tentar encontrar novos modelos teóricos que justificassem as variações que ocorriam nesta.

Anoção de erro sempre esteve associada à uma falta de habilidade cognitiva do aluno e era tratada como uma falha que devia ser corrigida de forma imediata, sobre isso Marcuschi (2001) discorre que esse tipo de pensamento solidifica concepções tais como: a estaticidade de uma língua, a homogeneidade e a imutabilidade desta. Com os estudos que versam sobre linguagem, a contemporaneidade trouxe consigo a ideia de que os fenômenos que dão palco para que ocorram as variações linguísticas estão estritamente ligados à questões sociais, regionais, situacionais, geográficas, classe social e etc., formas linguísticas como **nós fumo, salchicha, praça e pobrema** são meramente os reflexos de regras internas próprias dos falantes.

Estereótipos tais como: pessoas que falam errado são despreparadas “lexicalmente” está muito além do preconceito linguístico, sobre isso Marcos Bagno (2008) retrata como preconceito linguístico, classificando-o como um conceito que ultrapassa as barreiras do campo lexical tornando-se uma questão que engloba esferas como a política e a sociedade, nos induzindo a pensar que os erros de português são antagônicos a uma linguagem que se ampara em algumas ciências tais como: Linguística, Sociologia e etc., embora dentro do ambiente escolar, o tradicionalismo negue a existência dessa pluralidade de discursos, Marcos Bagno aponta em sua obra que não há comparação entre a variação padrão e a não padrão, o maior preconceito acontece no âmbito social quando ao autointitularmos pessoas com características de vulnerabilidade social, suas etnias, raças, cores e credo como desconhecedoras de sua língua materna. Dessa forma, as variedades linguísticas de menor prestígio acabam por ser consideradas divergentes dos padrões estabelecidos pela norma culta. Para que isso não ocorra e acabe tornando-se um círculo vicioso, a escola precisa romper com paradigmas enraizados que ainda, em pleno século XXI, insistem em permanecer, tais como: só existe um português correto e este é ensinado pela gramática tradicional e só existe uma maneira correta de falar e essa deve ser o reflexo da escrita.

Bagno (2008) enfatiza que esses dois mitos sustentados pelo ensino tradicional promoveram estigmas nas variadas formas de falar do discente e uma desapropriação cultural. A variação linguística é um fenômeno que pode tipificar variados eventos que se referem à natureza da língua humana, como ela funciona e seus diversos processos de mudanças linguísticas. Mas, além desses aspectos que ela pode explicar, existem outros que também são importantes para a educação em língua materna, como por exemplo, o conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas que ela faz eclodir em qualquer comunidade de fala.

Bortoni (2005) enfatiza que dentro do cenário escolar não se pode excluir as diferenças sociolinguísticas, já que essas se constroem por variedades de cultura, língua e tradições.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade [...] os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ser valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social [...]. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15).

A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA A DESCONSTRUÇÃO DESSE ESTIGMA

O termo Sociolinguística aparece pela primeira vez na década de 1950, mas foi na década de 60, que se estabeleceu como corrente teórica nos Estados Unidos, especialmente com os trabalhos de William Labov, Gumperz e Dell Hymes e com a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics* de William Bright. O primeiro trabalho que se tem notícias é de Weiner e Labov e data do ano de 1977, os autores fizeram uma pesquisa quantitativa sobre as construções ativas e passivas do inglês, correlacionando essas construções a fatores externos como: sexo, idade, profissão e fatores internos como: status informacional e paralelismo estrutural. Dentre os nomes citados acima o que mais recebeu destaque foi o de William Labov, e foi no campo da fonética/ fonologia que os seus estudos sobre variação linguística começaram a ganhar força, mas foi em 1963 que o autor publicou o seu principal trabalho, o estudo de caso a respeito da variação linguística presente na fala dos habitantes da Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, onde o estudioso fez uma pesquisa sobre a centralização dos ditongos, os fenômenos investigados foram a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos moradores dessa ilha, Labov (1972) observou que a variação linguística ocorria

por meio da faixa etária, a profissão, o sexo, a ordem econômica e outros fatores citados por ele na sua Obra Padrões Sociolinguísticos datada do ano de 1972, o autor discorre sobre a ideia de que os falantes nativos da ilha optavam por preservar a tradição linguística, enquanto que os falantes que baseavam suas falas no modo de falar dos turistas da ilha sofriam influência destes.

Em 1964 ele finaliza um estudo sobre a estratificação do inglês em Nova York, analisando a realização do /r/ pós-vocálico no qual ele fixa um modelo, onde ele observa a presença de fenômenos linguísticos presentes na fala de comunidades urbanas mais carentes, isso ele nomeia como Teoria da Sociolinguística Variacionista. Em ambos os estudos de Labov (1972) observa-se que os elementos externos à língua podem ser fatores principais para que se ocorra a variação linguística. Labov (1972) evidencia a importância de a variação social ser o principal fator para que ocorra a variação linguística, para tanto estudar a língua sem levar em conta os aspectos extralinguísticos é impossível.

Para Labov (1972):

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua. Não de algum ponto remoto do passado, mas como força social imanente agindo no presente vivo (Labov, 2008, p. 21).

A Sociolinguística, consolidada com os estudos de Labov (1972), evidencia que a variação é parte constitutiva da língua. Para o autor, “a heterogeneidade é um elemento ordenado da língua, não algo caótico ou aleatório” (Labov, 1972, p. 188). No Brasil, Bortoni-Ricardo (2005) reforça que o contato entre variedades rurais, urbanas e escolares produz uma tensão que se manifesta no desempenho linguístico do aluno. Assim, o erro, muitas vezes, não revela desconhecimento, mas sim a utilização de uma variedade diferente da norma de prestígio. Dessa forma, compreender a variação linguística auxilia o professor a diferenciar erros reais de aprendizagem de usos legítimos em contextos sociolinguísticos distintos.

Labov por meio de outros estudos comprovou que o contexto social atua diretamente sob a linguagem de um determinado povo, o autor defende a heterogeneidade linguística, e a ideia de que a língua é social. Para o autor as variações linguísticas apresentam-se de forma natural dentro do campo de batalha entre a norma padrão e a não-padrão esse campo de batalha é nomeado por Tarallo (1998) como caos linguístico, que se define como o confronto de duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa. Bourdieu (2018) afirma que a língua não pode ser observada como algo que está desconectado do contexto social, pois a fala reflete as diversas relações de poder que coexistem em uma sociedade, seja na política, na economia ou na língua propriamente dita, dessa maneira em qualquer comunidade de fala é possível analisar traços linguísticos variados na fala, como citado acima o estudo de caso feito por Labov com os moradores da Ilha de Vineyard é um grande exemplo disso. Diante desse novo cenário e dessa nova perspectiva, bem

como novas reflexões que divergiram e muito do pensamento formalista do século anterior, o estudo social evidenciado por Labov como Sociolinguística Variacionista tem como seu principal agente intermediador a sociedade em si, e comprehende que é por meio dessa linguagem que se refletem as estruturas sociais, esse novo modelo de análise engloba cultura, língua e sociedade. Esses estudiosos por meio de suas pesquisas observaram que as diferenças linguísticas representavam os diversos tipos de variação, e que seria possível estruturá-las na língua, visto que entendiam que esse sistema era heterogêneo.

Labov (1972, p. 23) afirma que:

A variação linguística está presente entre os componentes linguísticos (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical); entre os componentes discursivo e pragmático da linguagem; e entre os componentes linguísticos e os aspectos não-linguísticos (social, cognitivo e interacional).

A Sociolinguística e os estudos sobre as variações linguísticas trazem contribuições para que se estabeleça uma nova prática no ensino da língua materna, um de seus segmentos aborda a Teoria da Variação de William Labov que, até a presente data, é considerada como uma das linhas de pesquisa que metodologicamente é mais eficaz para a descrição de uma língua em uso real.

A grande área da Sociolinguística aborda questões como a dificuldade de comunicação entre os indivíduos, a análise de dialetos, pronúncias, o desenvolvimento linguístico e, acima de tudo, as barreiras linguísticas que surgem das concepções ideológicas evidenciadas pelas questões de raça, status social, escolaridade, sexo, que, por muitas vezes, saem do ambiente linguístico e passam a se tornar preconceito social, pois é por meio da linguagem que é possível existir interação humana.

Segundo Mollica (2003, p. 10) a Sociolinguística:

Estuda a língua em uso nas comunidades de fala, voltando atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

A Teoria da Variação, Sociolinguística Variacionista ou ainda, Teoria Laboviana, tem como objetivo descrever uma língua e seus determinantes. Para isso, ela define a língua como um sistema heterogêneo sem que se despreze a parte social do indivíduo e Labov (1972) afirma que a língua não se constitui como um sistema coerente e racional, porém um sistema que é permeado por transformações, ou seja, variações linguísticas que estão intimamente ligadas com o social. Sendo a língua um fato social, a melhor maneira de estudá-la é concebê-la como um sistema heterogêneo.

O PROFESSOR DIANTE DA VARIAÇÃO

O conhecimento da variação permite que o professor adote uma postura menos prescritiva e mais formativa. Como afirma Bagno (1999, p. 48), “a função da escola não é eliminar variedades, mas ampliar as competências linguísticas do aluno, garantindo-lhe acesso à norma-padrão quando necessário”. Isso significa que: a escola deve valorizar a língua do aluno, reconhecendo-a como legítima: a norma-padrão deve ser ensinada como uma variedade necessária em contextos de prestígio, sem deslegitimar outras formas de expressão; - o erro deve ser tratado como oportunidade de reflexão, e não como falha a ser reprimida. Essa perspectiva contribui para reduzir o preconceito linguístico e formar sujeitos críticos capazes de circular por diferentes esferas sociais.

Compreender que historicamente a língua exerce uma função social possibilita ao indivíduo reconhecer de forma mais crítica essa trajetória histórica relacionando-a com os fatores sociais, culturais, políticos e lexicais que influenciaram na evolução desse léxico. No ambiente escolar pode de fato existir o favorecimento à língua padrão, mas, não se pode esquecer que há um processo interacional que é evidenciados por meio das variações linguísticas. “Quando estamos usando a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23). Dessa forma, torna-se evidente aquilo que já se sabe: existe uma relação de mutualidade entre linguagem e sociedade que não podem ser dissociadas criando um processo identitário que envolve região e comunidade na qual o estudante se insere.

Na contemporaneidade, o cenário educacional caminha rumo a uma grande mudança diante das práticas educativas-escolares. A reformulação do ensino deve se pautar em um ensino globalizado, que é fomentado pela ideia de que o papel da escola é formar indivíduos capacitados para interpretar não apenas textos, mas o mundo pelo qual são cercados, os infinitos universos semânticos aos quais são expostos e essa diversidade cultural pela qual transitam

É importante salientar que defender a necessidade de se incluir os estudos das variações na sala de aula, não significa que está se excluindo o estudo da norma-padrão. Conhecê-la é de fato necessário, já que ela será exigida em situações do cotidiano diante de situações em que seja preciso fazer uso da formalidade. Mas o que jamais deve ser esquecido é que ela é apenas umas das muitas variantes existentes na língua portuguesa, sendo indispensável que o estudante tenha ciência das outras variedades linguísticas para que ele desconstrua preconceitos que lhe foram incutidos a respeito do seu modo de falar.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 40) ressalta que “até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados, erros de português”. Grande parte dos professores identifica, porém não sabe qual é a maneira mais adequada de intervir.

As diversas formas de se falar não podem ser consideradas erros, porém, na escrita, principalmente no ambiente escolar, os alunos devem estar atentos

à norma padrão, mas, sem que isso cause alguma espécie de constrangimento, caso ele não saiba como escrever corretamente tal palavra. A maneira com a qual o professor vai interferir é de grande valia para que o aluno não se sinta reprimido ou excluído dentro da sala de aula.

Bortoni (2005, p. 42) afirma:

Essa interferência na hora de uma fala fora das normas da gramática ainda representa um problema para os professores, pois eles ficam inseguros e confusos, sem saber quais erros corrigir, como corrigir e qual o momento certo dessa correção. Há também outro problema: muitos nem sabem se o que vão ou não corrigir, realmente pode ser chamado de erro ou se é apenas variedade da língua.

Num primeiro momento, o professor precisa identificar a diferença e intervir na hora da fala, ou em algum outro momento com o objetivo de conscientizar o aluno sobre a existência das variações no modo de falar. Porém, esse aluno precisa se atentar para a norma padrão, nos momentos em que for utilizar a fala de forma a ser monitorada. De acordo com Antunes (2014), o ensino da Língua Portuguesa não deve ser mediado apenas pela gramática normativa, pois isso não tem surtido efeito do ponto de vista da funcionalidade linguística. Torna-se necessário compreender que esse ensino deve se relacionar com a parte social, cultural e linguística. O respeito às diversas maneiras de interação de cada sujeito é de onde se deve partir para que se tenha um ensino que vislumbre a abolição de preconceitos.

O docente que objetiva ensinar a sua própria língua materna, não pode carregar consigo estereótipos como, a ideia de que seu aluno não tem nenhum tipo de conhecimento intrínseco a respeito de sua própria língua. É certo que ao iniciar seu processo de educação formal, toda criança já domina de forma completa a estrutura de sua língua materna. O Ensino inclusivo de uma língua exige um novo direcionamento por parte da escola e dos profissionais de ensino: é preciso se livrar de alguns mitos já citados acima, que permeiam as práticas educacionais. A compreensão a respeito da variação linguística possibilita o entendimento de que essa variação ocorre nos mais variados níveis e nas variadas esferas sociais, é necessário romper com essas visões preconceituosas e valorizar a diversidade da língua como expressão da identidade cultural desse aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento dado à nomenclatura erro linguístico não deve restringir-se apenas a uma visão normativa que descredibiliza os diversos usos da língua portuguesa. Como visto acima a Sociolinguística aponta para a ideia de que essa variação presente na língua é inerente e constitutiva, para tanto a escola deve promover um ensino mais inclusivo no que se refere à compreensão acerca da diversidade linguística, a noção de erro não pode apenas estar ligada a uma ideia excludente e a uma visão normativa, o professor deve assumir um papel que

promova um ensino mais inclusivo, compreendendo a importância da variação linguística dentro desse cenário inclusivo, que considera o erro não meramente como uma falta de habilidade cognitiva, ou uma deficiência na intelectualidade de um indivíduo, mas sim como uma parte do processo de aprendizagem que irá refletir as construções feitas por meio da sociedade na qual esse aluno está inserido.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**. “Limpando o pó das ideias simples”: São Paulo. 2014.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: a novela sociolinguística**. 16 ed – São Paulo: Contexto, 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1990

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BOURDIEU, P. **Conceitos Fundamentais**. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

JAKOBSON, Roman. “**La théorie saussurienne en rétrospection**”. In: Linguistics, 22, p. 161-196. 1973.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, Cecília; BRAGA. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 4^a. Edição. Ática. 1998.